

Ano III – nº 342 – Fortaleza/CE – edição: 29.11.2011

Vendas de aço no Brasil devem subir 8,4% em 2012

A produção de aço bruto no Brasil deve avançar pouco mais de 6 por cento em 2012, para 37,5 milhões de toneladas, de acordo com o IABr

Sean Gallup/Getty Images



Estoque de aço: no acumulado de 2010, produção chegou a 1,165 bilhão de toneladas

REUTERS - As vendas de aço no país devem atingir 23,3 milhões de toneladas no ano que vem, aumento de 8,4 por cento sobre o total estimado para o fechado de 2011, segundo previsão do Instituto Aço Brasil (IABr), divulgada nesta terça-feira.

A produção de aço bruto no Brasil deve avançar pouco mais de 6 por cento em 2012, para 37,5 milhões de toneladas, de acordo com o IABr.

Para este ano, o IABr reduziu a previsão da produção para 35,3 milhões de toneladas, contra estimativa anterior de 36,3 milhões de toneladas, mas ainda assim para um nível recorde.

"O excedente de capacidade de produção de aço em relação à demanda no mundo continua alto - cerca de 500 milhões de toneladas- e também no Brasil -20,2 milhões de toneladas", segundo nota do IABr à imprensa, citando também processo de desindustrialização pelo aumento das importações diretas e indiretas de aço.

"Tivemos que revisar nossas previsões para baixo em 3 por cento na produção de aço bruto para 2011", disse o presidente do Conselho do IABr, André Gerdau Johannpeter, que também preside a Gerdau.

Em 2011, segundo o IABr, as exportações de aço a partir do Brasil devem ser de 10,7 milhões de toneladas e as importações, 3,7 milhões de toneladas. Para 2012, as vendas externas devem ter leve alta em volume, enquanto as importações tendem a ligeira queda.

Estruturas metálicas: Abcem diz que China ameaça produtor local

VALOR ECONOMICO (CHICO SANTOS) - Mesmo com as fábricas operando a mais de 80% da capacidade instalada, a indústria brasileira de estruturas metálicas vive um momento de apreensão e incerteza. O principal motivo, comum a vários outros setores industriais do país, é a concorrência externa, principalmente a chinesa, favorecida pelo câmbio sobrevalorizado e por fatores domésticos, englobados no chamado custo Brasil, que vão de infraestrutura ruim até tributação elevada. Segundo Luiz Carlos Caggiano Santos, presidente da Associação Brasileira da Construção Metálica (Abcem), um quilo de defesa metálica (proteção a veículos em rodovias), importada, por exemplo, sai por US\$ 0,75, o mesmo preço de um quilo de chapa de aço no Brasil.

"O nosso problema é o futuro, depois de 2012", disse Santos, ressaltando que o setor fez fortes investimentos em maquinário. Ele disse ainda que a Abcam acaba de contratar uma consultoria especializada do Rio de Janeiro, a GBI Consultoria, para examinar e fazer um diagnóstico sobre suspeitas de práticas desleais de comércio por parte de empresas da China. Em setembro deste ano, a GBI ganhou um processo de direito antidumping contra a importação de tubos de aço carbono com até 5 polegadas de diâmetro externo da China.

Neste momento o setor vive situações contraditórias. Enquanto a Codeme, empresa ligada ao grupo Usiminas, prepara-se para inaugurar em Juiz de Fora (MG) uma fábrica com capacidade para produzir 36 mil toneladas anuais de estruturas metálicas, um investimento de R\$ 95 milhões, três fábricas, duas do grupo paulista Icec e uma do gaúcho Medabil deixaram de operar do ano passado para cá. As paradas, contudo, não estariam relacionadas com os problemas setoriais, mas com decisões específicas das duas empresas. A Icec e a Medabil foram procuradas, mas não deram respostas a tempo de serem incluídas na reportagem.

A gaúcha Metasa, uma das grandes do setor, fez uma "redução drástica de custos", segundo disse o presidente do seu conselho de administração, Antônio Roso, sem especificar quais foram os cortes. O empresário disse que "o setor está sendo afetado pela desindustrialização" e que, embora com encomendas em carteira para 2012, teme que o aumento de importações possa "causar problemas além dos que já estão ocorrendo.

O presidente da Usiminas, Wilson Brumer, disse que a Codeme "está operando a plena capacidade", mas reconheceu que o setor enfrenta momento difícil. "Estamos vendo várias fábricas de estrutura metálica sendo fechadas."

Segundo Santos, da Abcem, há hoje empresas que estão preferindo importar e reduzir a produção própria, dadas as vantagens da importação. Nos setores de mineração e siderúrgico, muitas obras, de acordo com o executivo, estão sendo feitas com estruturas importadas. "No Comperj [complexo petroquímico da Petrobras no Rio de Janeiro], grande parte [das estruturas metálicas] está sendo comprada no Brasil, mas se eles quisessem importar teriam facilidades, inclusive isenção de impostos".

Segundo Santos, o preço do aço brasileiro está hoje de 8% a 10% mais caro do que o importado e não explica as vantagens das estruturas importadas sobre as nacionais. Além do câmbio, ele considera que as diferenças de custos de mão-de-obra e tributário, mais as carências de infraestrutura, que encarecem o transporte, formam um conjunto que, aí sim, justificam importados mais baratos.

Além dos tradicionais concorrentes da China e da Coreia do Sul, o setor estaria agora enfrentando a concorrência de fornecedores da Turquia e de Portugal. No caso português, a empresa Martifer, que recentemente ganhou contratos para fornecer e montar as estruturas metálicas dos estádios da Fonte Nova, em Salvador, e do Castelão, em Fortaleza, ambos futuras arenas da Copa do Mundo de 2014, e também para o novo estádio do Grêmio de Porto Alegre. A empresa está construindo uma fábrica de estruturas metálicas em Pindamonhangaba (SP) para atender a demanda brasileira.

As obras da Fonte Nova e do Castelão têm financiamento do BNDES, respectivamente, de R\$ 323,6 milhões e de R\$ 351,5 milhões, mas o banco estatal informou que estruturas metálicas não são passíveis de serem financiadas por ele. No caso dos estádios, os financiamentos aos governos da Bahia e do Ceará correspondem a 46% e a 75% da obra, respectivamente.

A Odebrecht, uma das sócias do consórcio que constrói o novo estádio da Fonte Nova (a outra é a OAS), informou que seu contrato é com a Martifer Construções Metálicas Ltda., a filial brasileira, com sede em Pindamonhangaba. O contrato tem o valor de R\$ 37,45 milhões e prevê fornecimento e montagem da cobertura e do deck metálicos, além de cabos. A Martifer foi procurada, mas não respondeu a tempo ao questionário enviado pelo jornal.

De acordo com o presidente da Abcem, o setor de estruturas metálicas brasileiro tem capacidade para processar de 1,5 milhão a 1,8 milhão de toneladas de aço por ano, sendo cerca de 550 mil nas grandes empresas. Ele estima que de 50 mil a 60 mil pessoas trabalhem nas empresas do setor.

Vale investirá US\$ 563 milhões na siderúrgica do Pecém ***Orçamento do ano que vem para a usina que será instalada no Pecém foi divulgado, ontem, pela companhia brasileira***

DIÁRIO DO NORDESTE - A Vale prevê investir, no próximo ano, um montante de US\$ 563 milhões na CSP (Companhia Siderúrgica de Pecém), a ser instalada em São Gonçalo do Amarante. O valor corresponde apenas ao aporte que será disponibilizado pela mineradora. Como a CSP é uma joint-venture da Vale (que tem participação de 50%), em parceria com a Dongkuk (30%) e a Posco

(20%), o investimento total será, naturalmente, maior. A informação está presente no orçamento da Vale para o ano que vem, divulgado ontem. Atualmente, a CSP, que é a primeira indústria incluída na Zona de Processamento de Exportação (ZPE) do Pecém, está em fase de terraplanagem.

O empreendimento já conta com a Licença de Instalação (LI) para a construção da usina, tanto da primeira fase, quanto da segunda, na qual a capacidade de produção irá dobrar. Com a expansão concluída, a planta se tornará a maior usina siderúrgica do Brasil.

PRODUÇÃO

Como ficará instalada na ZPE, a CSP poderá destinar 20% de sua produção ao mercado interno. Este percentual representa, exatamente, a participação acionária que a brasileira Vale terá sobre a produção da usina. Essa parcela representa 600 mil toneladas de placas anuais na primeira fase e 1,2 milhão na segunda, quando será ampliada.

Já o restante da produção está dividido entre as sócias sul-coreanas do empreendimento, Posco (30%) Dongkuk (50%). No total, serão 12 milhões de placas de aço por ano, após o incremento. A Dongkuk levará sua parcela à laminação em suas usinas da Coreia do Sul e a Posco pretende vender as placas para o México, segundo adiantou o governador.

PIB

A siderúrgica cearense envolve um investimento de US\$ 4,4 bilhões, em sua primeira fase. Quando concluída a segunda fase, a usina será responsável pela ampliação do atual PIB (Produto Interno Bruto) da indústria cearense em 48%, elevando a atual economia no Ceará em 12%. A CSP e a refinaria da Petrobras, Premium II, juntas, poderão responder por 60% do PIB cearense.

LAMINADORAS

Para fortalecer o futuro polo metal-mecânico, o Estado espera atrair duas indústrias laminadoras, que fazem o trabalho final da cadeia siderúrgica, transformando placas de aço em chapas de aço, utilizadas em montadoras de veículos, indústrias de eletrodomésticos de linha branca, estaleiros, entre outros. A informação foi divulgada, com exclusividade, pelo Diário do Nordeste, no mês passado. Um dos possíveis investidores, o grupo espanhol Añon, já assinou, inclusive, um protocolo de intenções com o governo cearense. A planta, avaliada em R\$ 200 milhões, contaria com 10% do investimento por parte do governo estadual, que seria sócio do empreendimento.

Instituto Aço Brasil: não se justifica a Vale entrar em siderurgia

Segundo entidade, há um excesso de capacidade de aço e avaliou que o momento não é propício para grandes investimentos

AGENCIA ESTADO (GLAUBER GONÇALVES) - O presidente do Instituto Aço Brasil (IABr), Marco Polo de Mello Lopes, afirmou hoje que não há justificativa econômica para uma entrada da Vale em siderurgia. "Se comparar o Ebitda da mineração com o Ebitda da siderurgia, não há nada que justifique a entrada da Vale no segmento de aço", disse ele em coletiva para anunciar revisões das estimativas para este ano e as projeções para 2012. "Sob a ótica econômica, não há justificativa para isso", declarou ao ser perguntado sobre um possível movimento da Vale nesse sentido.

Ele lembrou que há um excesso de capacidade de aço e avaliou que o momento não é propício para grandes investimentos. Lopes não descartou, porém, que interesses estratégicos levem a mineradora a apostar mais em aço. Perguntado sobre as declarações do presidente da Vale, Murilo Ferreira, de que a siderurgia no Brasil estaria "atrasada", Lopes disse que conversou com o executivo, que teria dito que o episódio se tratou de um "mal entendido". "Atraso de quê, ou em

relação a quem?", questionou Lopes. "O setor investiu, desde a privatização até 2010, US\$ 34 bilhões. Esse é um dado muito significativo."

Sobre a perda de participação de mercado em siderurgia pela Vale no Brasil, Lopes afirmou que isso não se deve a um atraso do setor de aço, mas sim ao fato de as siderúrgicas estarem se verticalizando. "É porque o setor de aço, num movimento defensivo, passou a comprar ativos minerais, então essa participação (da Vale) diminuiu e pode ser que diminua muito mais", disse.

Usiminas aposta em processo de internacionalização

VALOR ECONOMICO - A entrada da Ternium no bloco de controle da Usiminas poderá viabilizar um processo de internacionalização da siderúrgica mineira, algo que já foi ensaiado no passado, mas que nunca saiu do papel.

A avaliação foi feita ontem presidente da Usiminas, Wilson Brumer, durante entrevista em Belo Horizonte. A Ternium pertence ao grupo ítalo-argentino Techint. "A Ternium está muito focada na América Latina. Ela tem usinas no México e na Argentina. Chegou a ter uma na Venezuela. Tem vários centros de serviço nos EUA. Podemos discutir muitas oportunidades de negócios", disse.

Segundo ele, em um momento de empresas globalizadas, a aquisição por parte da Ternium da fatia pertencente à Votorantim e à Camargo Corrêa permitirá à Usiminas "crescer no Brasil e certamente crescer em outros mercados quando for o tempo necessário".

"Já se falou muito, no passado, de uma internacionalização da Usiminas. Hoje não é o momento para essa discussão, em função até da crise pela qual o setor atravessa, com um excesso de oferta de aço. Mas nada impede que a discussão volte em um segundo momento, e a presença de dois parceiros internacionais poderia ajudar nesse aspecto", disse Brumer.

Pelo acordo firmado, os dois maiores acionistas passam a ser os japoneses do grupo Nippon, que aumentam sua participação de 43,47% das ações vinculadas ao acordo para 46,12% e a Ternium, que terá 43,31%. O fundo de pensão dos funcionários deixa de ter 15,86% das ações do acordo e passa a ter 10,57%. Considerando o total de ações ordinárias da siderúrgica, e não apenas as pertencentes ao bloco de controle, a Nippon tem 29,45%, a Ternium, 27,66% e os empregados, 6,75%.

Um dia após o anúncio da entrada do novo sócio na Usiminas, o executivo não deu muitas pistas sobre quais mudanças práticas deverão ocorrer nos projetos e nos negócios da siderúrgica mineira.

"Somos parceiros de longa data e, na discussão que certamente vai acontecer o tempo todo, vamos descobrir coisas que podemos fazer juntos com o passar do tempo. Mas falar de sinergias neste momento, eu acho que é prematuro."

Um eventual aumento da participação de mercado da Usiminas num futuro próximo se deverá, segundo o executivo, muito mais aos atuais investimentos feitos pela empresa do que à entrada dos novos sócios no bloco de controle.

Ao falar sobre eventuais mudanças nos cargos de diretoria decorrentes da alteração societária, o executivo voltou a dizer que é cedo para essa discussão. Além de eventuais indicações para a direção que a Ternium poderá fazer, os novos sócios também poderão indicar seus representantes para as três cadeiras no conselho de administração que herdaram da Votorantim e da Camargo Corrêa.

O negócio ainda precisará da aprovação do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) e talvez abra uma disputa envolvendo os acionistas minoritários que venham a cobrar na Justiça o direito de receber o mesmo prêmio pago aos controladores por suas ações.

"Nosso entendimento jurídico é que não há "tag along" porque o grupo de controle continua existindo. O acionista Nippon e a Caixa de Empregados continuam presentes nesse acordo. O que simplesmente houve foi a saída de um dos integrantes do grupo de controle para a entrada de outro."

Depois de meses de especulações e movimentos envolvendo as siderúrgicas brasileiras Gerdau e CSN, a venda de uma parte do controle da Usiminas para a Ternium põe fim a um período em que a empresa mineira ficou cercada por incertezas.

A opção pela pelo grupo ítalo-argentino se deveu muito à longa história de parcerias e negócios que a Usiminas e a Nippon têm com as empresas da Techint.

"Esse assunto [da venda] vinha sendo debatido [há meses] e de uma certa maneira vinha criando muitos rumores no mercado. Isso não é bom para a empresa porque acaba criando uma certa insegurança, acaba criando outros tipos de problemas. [Agora] a solução está dada. Então, vira-se uma página", disse Brumer.

"A solução foi com um parceiro de primeira linha, que tem com a Usiminas uma relação muito próxima e que tem uma relação muito próxima com a Nippon Steel."

Segundo Brumer, embora a participação da Votorantim e da Camargo Corrêa não depreciasse a Usiminas - "ao contrário", disse -, a mudança societária faz com que a siderúrgica passe a ter um grupo em seu controle "de empresas do setor, o que valoriza o futuro da Usiminas".

A Usiminas também anunciou ontem que a sua subsidiária de mineração finalizou duas parcerias na região de Serra Azul, em Minas. A empresa comprou ativos e direito minerário na região da Mineração Ouro Negro, por US\$ 367 milhões. Também fez um acordo com a Ferrous, que permitirá um melhor aproveitamento pela Usiminas de uma área localizada entre as reservas das duas mineradoras.